

ANÁLISE DO COMPORTAMENTO DA INDÚSTRIA ALAGOANA NO PRIMEIRO TRIMESTRE DE 2018

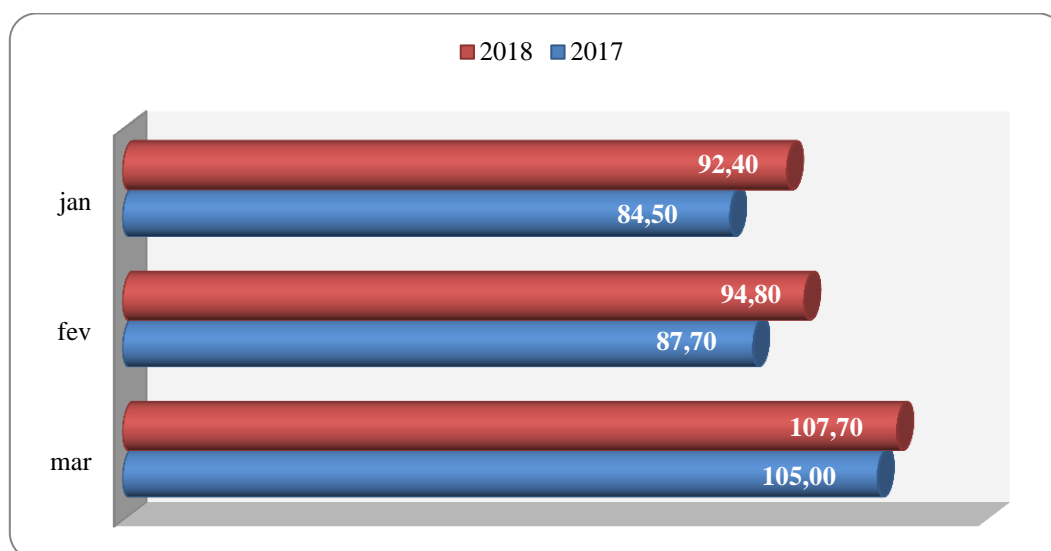
Superintendência de Produção da Informação e do Conhecimento (SINC)

Gerência de Estatística e Indicadores

A presente Nota Técnica tem como objetivo apresentar um panorama geral da indústria, abordando alguns setores como: mercado de trabalho, energético, construção civil e combustíveis, para a economia alagoana no primeiro trimestre do ano de 2018, com base nos dados da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), Eletrobrás, Sindicato da Indústria e da Construção Civil de Maceió (Sinduscon) e Agência Nacional do Petróleo (ANP), e tem como foco o comportamento dos principais indicadores dos setores supracitados.

De acordo com a pesquisa dos indicadores industriais executada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI), esta apresentou, no primeiro trimestre de 2018, uma elevação no faturamento real, quando comparado com igual período de 2017 (Figura 1).

Figura 1 - Faturamento real trimestral para a indústria de transformação nacional



Fonte: CNI. Elaboração SEPLAG/SINC.

1. Emprego

Ao analisar os dados do CAGED para o primeiro trimestre de 2018 (Tabela 1), é possível perceber uma redução de 13,60% no nível de desemprego na indústria, se comparado ao mesmo período de 2017 – quando o saldo fechou negativo em 24.451 postos de trabalho. No entanto, a redução foi de 6,89%, quando se leva em consideração o desemprego na indústria de transformação. É válido reforçar que este setor absorve um grande contingente de mão-de-obra em tempos de colheita e produção.

Vale destacar que os setores da indústria *Construção Civil*, *Extrativa Mineral* e *Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP* apresentaram melhora no nível de emprego da ordem de 331,94%, 128% e 115,45%, respectivamente, indicando uma melhora no desempenho destes.

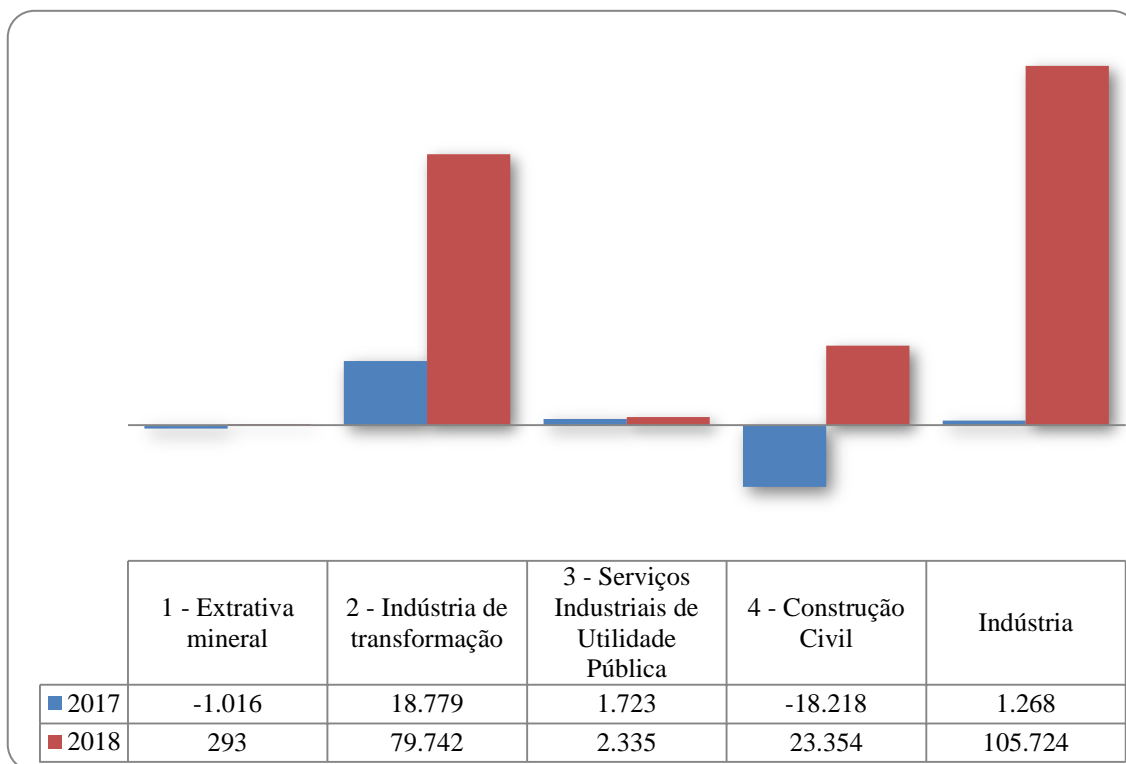
Tabela 1 - Saldo de Emprego para a Indústria em Alagoas, por Categoria, para o Primeiro Trimestre de 2017 e 2018

SETORES DE ATIVIDADE ECONÔMICA	Saldo Primeiro Trimestre (Variação absoluta)		Variação Percentual
	2017	2018	
<i>Extrativa Mineral</i>	-25	7	128,00%
<i>Indústria de Transformação</i>	-23.849	-22.205	6,89%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	-123	19	115,45%
<i>Construção Civil</i>	-454	1.053	331,94%
Total da Indústria	-24.451	-21.126	13,60%
Somatório de todos os Setores	-28.350	-21.993	22,42%

Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

Quando analisa-se os dados a nível nacional (Figura 2) fica perceptível que, tanto o estado de Alagoas quanto o Brasil, seguem um cenário de melhora, principalmente no tocante à indústria de transformação e construção civil, quando comparado com o mesmo período do ano anterior.

Figura 2 - Saldo de Emprego para a Indústria, por Categoria, para o Primeiro Trimestre de 2017 e 2018, Brasil.



Fonte: MTE (CAGED). Elaboração SEPLAG/SINC.

2. Energia Elétrica

Amador (2010) detalha que a energia é de fundamental importância em todas as economias. Com efeito, a energia é um insumo básico em praticamente todos os processos produtivos. Deste modo, características estruturais em termos de produção e consumo, bem como choques nos preços ou quantidades, têm um forte impacto na maior parte das variáveis econômicas.

A constatação acima é reforçada ao observar os dados do consumo de energia elétrica da indústria no estado de Alagoas, conforme Tabela 2, em megawatt-hora (MWh), para o primeiro trimestre de 2018. Ao analisar os dados é possível notar que todos os segmentos industriais apresentaram variações percentuais positivas para o consumo de energia elétrica, significando que a indústria se recupera timidamente, em relação ao primeiro trimestre de 2017. Cabe destaque para a *SIUP* e *Indústria de transformação*, que exibiram redução de 65,46% e 64,96%, respectivamente.

Tabela 2 - Consumo de Energia Elétrica em Megawatt-hora (MWh) por segmento industrial, para o Primeiro Trimestre de 2017 e 2018.

Segmento da Indústria	Consumo de energia no 1º trimestre [MWh]		Variação Percentual
	2017	2018	
<i>Extrativa Mineral</i>	25.928	22.275	-14,09%
<i>Indústria de Transformação</i>	441.486	154.706	-64,96%
<i>Serviços Industriais de Utilidade Pública - SIUP</i>	3.916	1.353	-65,46%
<i>Construção Civil</i>	348	333	-4,42%
Total da Indústria	471.678	178.666	-62,12%

Fonte: Eletrobrás. Elaboração SEPLAG/SINC.

No total da indústria, houve um decréscimo de 62,12% no consumo no primeiro trimestre de 2018 em relação ao mesmo período do ano anterior. Essa performance se deve a uma redução expressiva no consumo da cadeia químico-plástica, em função de uma parada programada.

3. Construção Civil

De acordo com Kureski et. al (2008) a indústria da Construção Civil é de fundamental importância para a estrutura econômica de um país. É grande consumidora de produtos dos outros segmentos industriais, com uma ampla cadeia produtiva. À agregação da indústria da Construção Civil e às atividades que fornecem insumos e serviços dá-se o nome de macrossetor da Construção Civil.

Com a finalidade de proporcionar uma análise mais detalhada, serão abordados o Índice de Velocidade de Vendas¹ (IVV) e o Custo da Construção Civil por Metro Quadrado².

¹ Este índice é calculado para a região metropolitana de Maceió. Ele corresponde ao total das vendas de unidades habitacionais dividida pela oferta total de imóveis residenciais, multiplicado por 100.

² Em parceria com a Caixa Econômica Federal, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) desenvolve a execução da mensuração deste indicador mensalmente, através do Sistema Nacional de Pesquisa de Custos e Índices da Construção Civil (SINAPI). CUB é o referente ao Padrão R-8 PADRÃO NORMAL (prédio residencial de 8 andares, com três quartos e acabamento normal). Conforme decisão da Sinduscon.

Tomando a Tabela 3, observou-se que o IVV do mercado para cidade de Maceió, no quarto trimestre de 2018, apresentou uma elevação de 68,71% de janeiro (3,1) a março (5,2). Este resultado fica evidente quando compara-se o primeiro trimestre, para os anos de 2017 e 2018, cujo índice de velocidade de vendas, para a cidade de Maceió subiu, em média, 2,73%. Isto demonstra leve melhora no volume de vendas no mercado imobiliário da cidade de Maceió.

Os dados do SINAPI, Tabela 3, mostra que o custo por m² aumentou, chegando a uma média de R\$ 1.149,17 no período, que representa uma variação positiva de 2,80% em relação ao primeiro trimestre de 2017.

Criado em 1969, o Sinapi tem como objetivo a produção de informações de custos e índices de forma sistematizada e com abrangência nacional, visando não só à elaboração e avaliação de orçamentos, como também ao acompanhamento de custos.

Tabela 3 - Indicadores (Índice de Velocidade de Vendas – IVV e Custo por Metro Quadrado em Reais) da Construção Civil em Alagoas, para o Primeiro Trimestre de 2017 e 2018.

Mês	IVV		Custo da Construção por m ²	
	2017	2018	2017	2018
janeiro	2,2	3,1	R\$ 1.178,86	R\$ 1.146,66
fevereiro	5,3	4,1	R\$ 1.183,05	R\$ 1.148,85
março	4,6	5,2	R\$ 1.184,16	R\$ 1.152,00
Média do 1º Trimestre	4,03	4,14	1.117,84	1.149,17

Fonte: IBGE e Sinduscon – AL.

Cabe ratificar que esse crescimento nos custos da construção por m² tende a acompanhar o aumento da inflação, pois a elevação dos preços das matérias-primas e da mão de obra provocam dificuldades para o setor, aumentando os custos.

4. Petróleo e Gás Natural

Finn (1996, p. 12), considera que “mais insumos são necessários para aumentar o produto, significando que mais energia deve ser demandada para o crescimento do produto, em virtude da energia ser um importante item para a utilização do capital”.

Observando a Tabela 4 percebe-se que houve leve aumento (0,68%) da produção total de petróleo em relação ao mesmo período do ano passado (22,22%). No caso do petróleo, houve uma redução de 12,19% e do Líquido de Gás Natural 4,76%. Já o Gás Natural exibiu acréscimo de 8,04%.

Tabela 4 - Produção de Petróleo, Gás Natural, Líquido de Gás Natural, em barris, no Estado de Alagoas para o Primeiro Trimestre de 2017 e 2018

Produção (em barris)	1º Trimestre		Variação (%)
	2017	2018	
Petróleo	296.668	260.512	-12,19%
Líquido de Gás Natural - LGN	93.005	88.574	-4,76%
Gás Natural	587.999	635.257	8,04%
Total	977.672	984.343	0,68%

Fonte: ANP. Elaboração SEPLAG/SINC.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos na presente nota técnica apontam para leve melhora nos setores industriais ligados a indústria de transformação, construção civil e a indústria extrativa mineral.

REFERÊNCIAS

Agência Nacional do petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis – ANP. Dados de Petróleo e Gás Natural. Disponível em: <<http://www.anp.gov.br/>>. Acesso em: maio de 2018.

Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel). Atlas de Energia Elétrica do Brasil. 2002. Disponível em:<http://www.aneel.gov.br/documents/656877/14486448/LIVRO_ATLAS_2.pdf/712384c0-8922-42dd-a761-e82d770537ac?version=1.0>. Acesso em junho de 2018.

AMADOR, J. Produção e Consumo de Energia em Portugal: Factos Estilizados. In B. d. Portugal (Ed.), Boletim Económico (pp. 71-86). 2010.

Eletrobrás. **Dados de Consumo de Energia Elétrica.**

IBGE. Dados da Construção Civil. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/listabl.asp?z=t&c=2296>>. Acesso em: maio de 2018.

KURESKI, Ricardo; RODRIGUES, Rossan Lott; MORETTO, Antônio Carlos; SESSO FILHO, Umberto Antônio; HARDT, Letícia Peret Antunes. O macrossetor da construção civil na economia brasileira em 2004. 2008. Disponível em: <<http://scholar.google.com>>. Acessado em: julho de 2018.

Ministério do Trabalho e Emprego – MTE (CAGED). Disponível em:

<http://portal.mte.gov.br/caged_mensal/principal.htm>. Acessado em: maio de 2018.

TEIXEIRA, L. P.; CARVALHO, F. M. A. A construção civil como instrumento do desenvolvimento da economia brasileira. Revista Paranaense de Desenvolvimento, n. 109, p. 9–26, 2005.

Sindicato da Indústria e da Construção Civil (SINDUSCON – AL). Dados da Construção Civil. Disponível em: <<http://www.sinduscon-al.com.br/>>. Acesso em: julho de 2018.

FINN, M. G., Energy Price Shocks, Capacity Utilization and Business Cycle Fluctuations. Minneapolis: Institute for Empirical Macroeconomics, 1996.